

Dr. Jim Spiegel, Filosofia da Religião, Sessão 8, Epistemologia Reformada

© 2024 Jim Spiegel e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. James Spiegel em seu ensinamento sobre a Filosofia da Religião. Esta é a sessão 8, Epistemologia Reformada.

Certo, falamos muito sobre justificativas racionais para a crença em Deus e argumentos para o teísmo.

Agora, vamos dar uma olhada em uma abordagem para a questão da racionalidade da crença religiosa que é um pouco diferente, e que realmente constituiu uma grande mudança de direção na história da erudição e filosofia da religião no século XX, que é a Epistemologia Reformada. O principal proponente dessa abordagem é Alvin Plantinga. Então, aqui está um pouco da história que levou a Plantinga.

Em outra palestra, mencionamos a escola de pensamento, que é conhecida como Positivismo Lógico. Ela era, você sabe, liderada por pessoas como Moritz Schlick, que deve ter o nome mais feio da história da filosofia, e outra era chamada de Círculo de Viena na adolescência, em 1917, 1918, quando eles estavam começando. O objetivo deles era trazer a filosofia de volta à terra.

Havia muitas formas pomposas de idealismo metafísico no século XIX e ainda defendidas por muitos acadêmicos no início do século XX, e esses filósofos do Círculo de Viena e outros acadêmicos como eles queriam reduzir a filosofia a um tipo mais científico de fundamento verificável, respeitável e prático. Então, o que eles fizeram foi criar algo chamado princípio da verificação, a ideia de que qualquer afirmação ou crença precisa ser verificável por meio de confirmação ou teste empírico e que qualquer coisa que não possa ser verificada cientificamente ou empiricamente provada ou confirmada seria considerada fora dos limites ou não cognoscível. À medida que os positivistas desenvolveram essa abordagem, ela se tornou cada vez mais influente, e uma das muitas implicações infelizes do positivismo, é claro, é que as crenças sobre moralidade, beleza e Deus, almas humanas, tornam-se completamente sem sentido sem nenhum valor cognitivo; eles diriam.

Levou algumas décadas para que os problemas inerentes ao positivismo fossem devidamente enfatizados para que essa visão pudesse finalmente ser descartada. Mas, nesse meio tempo, as ideias positivistas se tornaram muito populares entre os acadêmicos, e gerações de estudantes universitários no Ocidente, na Europa e também nos Estados Unidos ficaram sob a influência dessa visão, o positivismo. O problema mais fundamental com o positivismo é, como notamos em outra palestra, que ele não consegue satisfazer suas próprias demandas.

Se for o caso de que qualquer crença é apenas racionalmente respeitável e justificável se puder ser empiricamente provada ou demonstrada, esse princípio em si não pode ser empiricamente provado ou demonstrado. Esse princípio de verificação não é algo que você pode confirmar cientificamente. Então, ele falha em seu próprio teste.

É auto-refutado. Se o positivismo é verdadeiro, então precisamos rejeitar o positivismo como cognitivamente significativo, que é uma tese cognitivamente sem sentido de acordo com seu próprio padrão. Mas, novamente, essa mentalidade e orientação positivistas foram altamente influentes, e influenciaram vários pensadores nas décadas de 40, 50 e 60, que então se tornaram cada vez mais céticos sobre qualquer tipo de reivindicação de religião, especificamente a crença em Deus.

Ateísmo, agnosticismo e ceticismo religioso se tornaram a orientação padrão. Com Anthony Flew, nos anos 50, 60 e 70, argumentando por uma presunção de ateísmo, tornou-se mais ou menos uma posição padrão para aqueles que eram filósofos respeitáveis da religião, começar com uma mentalidade ou orientação positivista. Então, em 1966, quero dizer, em maio de 1966, havia uma história de capa da Time Magazine.

E sobre a morte de Deus na academia, a capa dizia apenas: Deus está morto? Histórias sobre a ascensão do ateísmo e o fim da crença religiosa entre acadêmicos e positivismo, e a influência de Flew também, foram enormes nisso. Precisamente naquela época, como se vê, no humilde escritório de um acadêmico no Calvin College, ele poderia estar na Wayne State na época, Alvin Plantinga estava escrevendo um livro que abordava essa questão, especificamente, você precisa de evidências para justificar sua crença em Deus para que ela seja racionalmente respeitável, para que você satisfaça suas obrigações intelectuais? Este livro foi eventualmente publicado sob o título Deus e outras mentes. E a conclusão de Plantinga é que não, você não precisa fornecer, você sabe, argumentos e evidências rigorosos para ser justificado para acreditar em Deus.

E então, ele desenvolveu essa tese de maneiras muito significativas ao longo das décadas, culminando nessa trilogia de livros chamada The Warrant Trilogy, publicada pela Oxford University Press nos anos 90 e o terceiro volume em 2000, desenvolvendo uma epistemologia completa que veio a ser conhecida como epistemologia reformada. Então, vou delinear os principais temas da epistemologia reformada, e ficará claro o quão diferente isso é das maneiras de pensar sobre a crença religiosa e o que significa ser um crente racional em Deus que são, você sabe, comuns em outros setores. Então, epistemólogos reformados argumentam, Plantinga incluído, para começar, que a teologia natural não é muito útil.

Argumentos para a existência de Deus têm seus limites, e outros, você sabe, na tradição apologética pressuposicional, têm feito esse ponto por muitos anos,

enfatizando o pecado humano como sendo um tipo de bloqueio em termos de realmente ser convencido pela evidência para Deus. Mas há outras razões também pelas quais Plantinga destaca por que a teologia natural, você sabe, não é particularmente útil, ou pelo menos é limitada em termos de sua utilidade. Então, ele acha que uma visão mais humilde sobre as perspectivas da teologia natural é apropriada.

E então, mas tudo bem porque o crente religioso não precisa de justificativas ou argumentos evidenciais para apoiar ou fundamentar sua crença em Deus. O crente pode assumir desde o início que Deus existe. Então, Alvin Plantinga propõe que a crença em Deus é na verdade propriamente básica, e essa é uma tese central em sua epistemologia reformada, que a crença em Deus é propriamente básica.

E falaremos mais sobre o que ele quer dizer ali, mas, novamente, esse é o tipo de terminologia que está comunicando que podemos começar com a crença em Deus. A crença em Deus não é algo que precisa depender ou ser inferido de outras crenças. Essa crença em Deus é baseada na experiência, em certas experiências que temos sobre o mundo.

E você sabe, que não é que a crença em Deus simplesmente surge à toa, sabe, do nada, mas não, elas são baseadas em experiências que temos. Essa crença em Deus é garantida pelo funcionamento adequado de nossas faculdades cognitivas. É sua alegação de que quando nossas faculdades cognitivas estão funcionando adequadamente, então a crença em Deus resultará.

Mas precisamos experimentar uma certa redenção cognitiva para restaurar a função cognitiva adequada em relação às crenças sobre Deus. Precisamos da ajuda de Deus aqui. No entanto, ele inicialmente a forneceu no que João Calvino chama de *sensus divinitatis*, ou o sentido natural ou consciência de Deus.

Mas por causa dos impactos do pecado na mente e na função cognitiva, há, infelizmente, uma espécie de tendência a nos afastarmos da crença teísta por causa do nosso pecado, ou pelo menos a termos isso comprometido. Então, precisamos de ajuda divina especial para restaurar a função cognitiva adequada que pode ser perdida por causa do nosso pecado. Então, você pode ver por que isso é chamado de epistemologia reformada.

Você tem uma ênfase muito forte no pecado humano e na necessidade de Deus agir sobre nossas mentes para nos levar a uma orientação cognitiva adequada em relação a Deus. Então a afirmação chave e mais controversa aqui é essa crença de que Deus ou essa ideia de que a crença em Deus é propriamente básica. Mas por que deveríamos acreditar que essa é uma crença propriamente básica? Uma crença propriamente básica é aquela que não é aceita com base em outras crenças.

Essa é a ideia-chave aí com a basicidade adequada das crenças. Novamente, não é que as crenças não sejam fundamentadas em algo. Nossas crenças são fundamentadas em crenças sobre Deus, em particular, fundamentadas na experiência, mas elas não são ou pelo menos não precisam ser fundamentadas ou inferidas de outras crenças.

Mas Plantinga desenvolve toda essa orientação, começando com uma crítica ao fundacionalismo clássico, que é uma teoria epistemológica. Teoria sobre o conhecimento, a teoria sobre como a estrutura noética ou sistema de crenças de uma pessoa funciona ou como deveria funcionar, e como nossas crenças deveriam estar relacionadas umas às outras em nossa estrutura noética. Então o fundacionalismo clássico diz primeiro que há uma fundação para as crenças de alguém e essa fundação consiste em crenças básicas, aquelas que não são aceitas com base em outras crenças, e todas as crenças não básicas são, em última análise, justificadas pelas crenças fundamentais.

Até agora, este é um tipo de fundacionalismo genérico, apenas a ideia de que você tem crenças básicas que dão origem a ou das quais inferimos outras crenças, que há certas crenças que não são baseadas em outras crenças. Qualquer fundacionalista afirmaria isso, mas o que torna o fundacionalismo clássico é essa ideia de que uma crença propriamente básica ou fundacional deve ter uma das seguintes características. Ela precisa ser autoevidente, ou evidente aos sentidos, ou de outra forma certa ou incorrigível, de modo que não haja como ser falsa.

Somente crenças apropriadamente básicas são aquelas que são autoevidentes, evidentes aos sentidos, ou incorrigíveis, logicamente incorrigíveis, e essa é uma alta demanda quando se trata de basicidade adequada, e é exatamente aí que Plantinga faz sua crítica. Ele rejeita o terceiro ponto de que crenças apropriadamente básicas têm que ter uma dessas qualidades. O problema aqui é que se mantivermos essa visão de que crenças apropriadamente básicas têm que ser autoevidentes, evidentes aos sentidos, ou incorrigíveis, isso vai descartar todos os tipos de crenças.

Ela não conseguirá explicar as crenças que temos que dizem que objetos físicos perduram mesmo quando não estamos olhando para eles, que há mentes diferentes da nossa, e que o mundo existe há mais de cinco minutos, em vez de ter sido criado com a aparência de idade e memórias implantadas em nós. Até mesmo a crença de que tomei café da manhã esta manhã e crenças de memória são crenças muito básicas. Todos nós acreditamos nessas coisas.

Você seria louco se não fizesse isso, mas você não pode provar essas coisas com nenhum tipo de evidência ou argumento. Você não pode demonstrar com finalidade que essas coisas são verdadeiras. Nós as consideramos básicas.

O ponto é que elas são básicas, mas não são inferidas de outras crenças. Então, este é um sinal aqui de que Plantinga aponta que precisamos relaxar nossos padrões para a basicidade adequada e certamente não insistir que eles sejam incorrigíveis, sempre evidentes aos sentidos ou autoevidentes. Isso não é verdade para nenhuma dessas coisas.

Então, esse é um grande problema com o fundacionalismo clássico. Outro é que ele não atende ao seu próprio critério de basicidade adequada. Aqui vamos nós com outro padrão auto-refutável.

Como o próprio fundacionalismo clássico, e suas demandas por basicidade adequada especificamente, não são autoevidentes, não são evidentes aos sentidos e certamente não são logicamente incorrigíveis, ele falha em seu próprio padrão. É como o princípio da verificação e o positivismo lógico. Então, ele não foi o primeiro a criticar o fundacionalismo clássico, mas pode ter sido ele quem deu o golpe decisivo contra essa teoria epistemológica em particular.

Então, se rejeitarmos o fundacionalismo clássico, o que isso nos deixa? Bem, isso, você sabe, precisamos ter uma visão muito mais generosa sobre o que pode ser considerado uma crença propriamente básica. E, se vamos permitir como crenças propriamente básicas, nossas crenças que são crenças básicas de memória, assim como nossa crença de que outras pessoas têm mentes, certo, o que nunca foi provado. Os melhores argumentos para isso são lamentavelmente ruins.

Então, também teremos que incluir, para sermos consistentes, a crença em Deus. Crenças em Deus que, você sabe, especialmente porque elas são baseadas em tantas experiências humanas. Então, não é preciso, não é preciso justificar a crença em Deus com evidências ou outras crenças.

Estamos dentro dos nossos direitos intelectuais de começar com a crença em Deus. E essa é a ideia aqui de crenças em Deus e crenças sobre Deus serem propriamente básicas. E, a propósito, você sabe, não é apenas a crença, a crença nua de que há um Deus que é propriamente básica, mas também coisas como Deus está satisfeito comigo, Deus me ama, ou Deus, você sabe, quer que eu, você sabe, comece a amar melhor as pessoas, ou, você sabe, Deus está infeliz com, você sabe, algum comentário que eu fiz que foi prejudicial a alguém, você sabe, tipos de sentimentos convincentes de que Deus está infeliz ou descontente com o que eu fiz.

Coisas assim são propriamente básicas também. Não é apenas a crença nua em Deus. E então, isso é paralelo a muitas outras crenças básicas que temos.

Essa crença básica em Deus, incluindo o que falamos em algum outro contexto, são crenças básicas na confiabilidade geral da percepção sensorial, a existência do mundo externo, a lei da causalidade, a uniformidade da natureza e a existência de

outras mentes. Uma breve explicação sobre por que coloco a existência do mundo externo nessa lista, já que, bem, não é evidente pelos meus sentidos que há um mundo externo? Bem, talvez o que seja mais uma suposição é que estou ciente de um mundo externo ou mesmo que estou acordado agora e não sonhando. Novamente, isso não é algo que você pode provar filosoficamente ou cientificamente sem fazer suposições significativas que são, novamente, artigos de fé.

Então, isso está de alguma forma conectado à suposição que fazemos sobre a confiabilidade geral da percepção sensorial. No entanto, crenças sobre causalidade e uniformidade da natureza são crenças propriamente básicas. E eu queria destacar o último item dessa lista sobre a existência de outras mentes.

Isso é algo que todos nós assumimos todos os dias, se formos sãos, em relação a todas as pessoas com quem interagimos ao longo de um determinado dia, que outras pessoas têm suas próprias crenças, pensamentos e sentimentos, assim como nós. Embora isso seja algo em que todos nós acreditamos e deveríamos acreditar, é algo que não podemos provar ou demonstrar que há mentes reais por trás dos rostos que encontramos e com os quais interagimos. Então, o paralelo aqui entre as outras mentes dentro dos corpos humanos que encontramos todos os dias e a mente por trás do mundo é significativo, essa analogia, esse paralelo.

E é isso que Plantinga parece querer dizer ao intitular seu livro, o primeiro livro que ele escreveu sobre esse tópico, Deus e Outras Mentes. Deus é a mente por trás do cosmos. E assim como estou racionalmente justificado em acreditar de uma forma apropriadamente básica que outros seres humanos têm mentes, similarmente, por analogia, estou dentro dos meus direitos intelectuais em acreditar que há uma mente por trás do universo e começar lá de uma forma apropriadamente básica.

Então, Deus é, você pode dizer, apenas outra mente sobre a qual temos uma crença propriamente básica, não diferente em um sentido das outras mentes humanas que encontramos e sobre as quais temos crenças. Claro, ele é único porque ele é a mente infinita, todo-sábia, todo-poderosa, todo-bom por trás do universo como um todo, não apenas ocupando um corpo humano em particular. Então, em relação a Deus e outras mentes, temos crenças propriamente básicas de acordo com Plantinga e outros epistemólogos reformados.

Então, Plantinga tem sido duramente criticado por muitas décadas. Há muita resistência às suas ideias aqui, como você pode imaginar, particularmente quando ele propôs essa visão pela primeira vez nos anos 60 e depois nos anos 70, desenvolvendo essas ideias. Há muita resistência, muitas críticas porque ele estava meio que colocando seu machado na raiz da árvore e desafiando algumas das pressuposições do fundacionalismo clássico e os efeitos persistentes do positivismo lógico.

Então, entre as objeções que foram feitas à epistemologia reformada de Plantinga está esta de que toda a sua abordagem tornará a crença propriamente básica arbitrária, que as pessoas podem simplesmente acreditar em qualquer coisa que queiram de uma forma básica, e que isso meio que abre as comportas para a crença irresponsável. A resposta de Plantinga aqui é que pode ser muito difícil estabelecer um critério para a basicidade adequada, mas, na verdade, o ônus não é dele para fornecer isso porque ninguém mais foi capaz de fornecer melhor. Então, por que ele deveria ter o ônus da prova para fornecê-lo? Só porque ele identificou os problemas com o fundacionalismo clássico.

Ele certamente convidaria ao desenvolvimento de alguns bons critérios ali, mas só porque é difícil estabelecer, não significa que, bem, isso significa que vale tudo em termos da basicidade adequada das crenças. E então essa outra objeção, a chamada objeção da grande abóbora, essa é a ilustração que Plantinga usa. Se a crença em Deus é propriamente básica, então por que não acreditar em coisas tão malucas como a grande abóbora? É uma referência ao desenho animado Peanuts, que há essa grande figura de abóbora que vem e concede, não sei, que presentes para meninas e meninos.

Eu nem sei se entendi toda aquela mitologia de desenho animado ali, mas isso é só um exemplo de uma crença maluca. Então, a visão de Plantinga não convida a crenças malucas como essa? Ele observa, eu acho, que sabiamente e apropriadamente, certamente de uma perspectiva teológica reformada, que uma grande diferença entre a crença em Deus e a grande abóbora é que temos uma tendência natural de acreditar em Deus. Não há tendência natural de acreditar na grande abóbora, no monstro de espaguete voador ou em qualquer número de ideias que foram propostas para tentar satirizar a crença em Deus.

Temos o *censo divinitatis*. Temos uma tendência natural a acreditar em um poder superior. Quaisquer que sejam os nomes que podem ser usados em diferentes tradições e diferentes culturas, há essa tendência natural, que explicaria por que mais de 90% da população humana acredita e sempre acreditou em algum tipo de poder superior.

Então, não precisamos nos preocupar com pessoas literalmente acreditando em entidades completamente malucas como a grande abóbora ou o monstro do espaguete voador. Então, é assim que Plantinga responde a essas objeções, e até hoje, a epistemologia reformada é altamente respeitada e muito discutida. Orientação epistemológica, que eu acho muito útil e encorajadora para aqueles de nós que têm crenças religiosas, e mostra por que estamos perfeitamente dentro de nossos direitos intelectuais de acreditar em Deus, mesmo que não tenhamos argumentos que possamos oferecer para defender essa crença.

Podemos começar com a crença em Deus, que é perfeitamente respeitável de um ponto de vista racional.

Este é o Dr. James Spiegel em seu ensinamento sobre a Filosofia da Religião. Esta é a sessão 8, Epistemologia Reformada.